

## APRESENTAÇÃO

Esta edição da Revista Grau Zero, organizada pelos estudantes do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia, propõe um dossiê temático voltado para refletir acerca dos Saberes dissidentes: os estudos *queer* nas produções e espaços culturais. Partimos da premissa de que, desde a década de 1980, estudos que problematizam ou questionam a masculinidade e feminilidade hegemônicas, como a sexualidade, vêm crescendo e ampliando as perspectivas de espaços nos debates críticos nos espaços acadêmicos. Com efeito, um dos traços notáveis na plethora de pesquisas desse campo instaura uma postura anti-hegemônica e refratária, resignificando constantemente noções de identidades de gênero e sexualidades, nas construções subjetivas das pessoas e seus corpos, seja a masculinidade, feminilidade ou não-binário, ao mesmo tempo em que também problematizam a cultura cis e heteronormativa de maneira a promover saberes dissidentes. Nesse sentido, pensamos a amplitude dos estudos *queer* como um fenômeno e como lastros de posições e posturas dissidentes que, em um gesto radical e de ruptura, desacatam e estranham as questões sociais por um olhar não-heterossexual e plural, por pessoas trans, travestis e cis aliados. Como Guacira Lopes Louro (2020) sugere: “*Queer* costuma ser o rebelde, o malcomportado. Não importa se estamos falando de um indivíduo ou de um grupo, de um movimento ou de um pensamento, tudo ou todos que se revelem ou se reconheçam como *queer* se mostram, de algum modo, ‘estranhos’, afinal é parte da sua ‘natureza’ desacatar normas e perturbar cânones”. É nesse estado de espírito contestador, insurgente e dissidente de vozes e corpos que generosamente aceitaram nosso convite para colaborarem na construção desse dossiê por meio de artigos, resenhas e entrevistas que anseiam por refletir, problematizar e questionar o debate sobre cultura em interseção com os estudos *queer*, especificamente ao que tange a linguagem e seus usos, seja na literatura, sobre

como o meio literário instaura e inscreve a pluralidade e diversidade da comunidade LGBTQIA+ por meio de estratégias discursivas como a escrita de si e representação, bem como por meio de outras linguagens não-binárias, de outras formas discursivas dos mais diversos campos dos saberes como a educação, a dança, cinema, entre outros e demais mídias visuais e não verbais.

Assim, iniciamos esse dossiê com o artigo *A defesa da família tem sabor de margarina*, de autoria de Vinícius Lucas de Carvalho, o qual problematiza as disputas teórico-políticas que cotidianamente reverberam sobre o conceito de família. Para criticar os modelos tradicionais e conservadores de organização familiar, o autor problematiza a permanência de uma concepção de família como unidade civilizatória, responsável pela incorporação das normas do regime de poder que engendram as sociedades contemporâneas. Tratando de racismos, heterocisnormas, cristianismos, opressões, violências e desigualdades, Carvalho investe na crítica das regras de re-produção corporal por meio do mantra familiar argumentando que é imperativo mobilizar afetos que provoquem rasuras nas fronteiras e as margens daquelas instâncias discursivas tomadas pela defesa da noção de família como pilar emocional na qual os corpos encontram-se circunscritos.

Já o artigo, *Do renascimento à vida sociorreligiosa: revirando memórias de uma bicha preta macumbeira*, de autoria de Claudenilson da Silva Dias e Leandro Colling, propõe uma narrativa autobiográfica de uma bicha preta e macumbeira. Tomando como base a relação entre vivência e cultura, o autor propõe discutir o percurso da sua formação identitária e política, analisando a relação que estabelece entre o tempo e espaços formativos. Nessa perspectiva, o efeito alcançado é refletir a necessidade de pessoas marginalizadas ocuparem locais em que possam ascender socialmente pensando sobre as questões que os compelem a um não lugar, a uma não existência, a um não falar. Para tanto, o autor aciona a escrita de si como um dispositivo político, ético e social. Esse ato político reafirma a necessidade de todas as CTTro debaterem as temáticas de gênero e

sexualidade (dentre tantos temas necessários às nossas comunidades de base), sem os moralismos propostos pelas religiões cristãs e, assim, sensibilizar a nossa geração para um Candomblé que possa discutir questões da atualidade, como, por exemplo, as transexualidades no Candomblé, mas não apenas.

Em *Dialeto pajubá marca identitária da comunidade LGBTQIA +*, Vanessa Mirele dos Santos, Nazarete Andrade mariano e Cosme Batista dos Santos propõem uma reflexão sobre o tema língua e identidade, com foco no dialeto pajubá, falado pela comunidade LGBTQIA+. Ancorando-se na seguinte indagação: como o pajubá corrobora na construção das marcas identitárias dos seus falantes, o artigo provoca questões acerca da finalidade de se compreender o pajubá como dialeto colaborador na construção das marcas de identidades dos falantes. Justificando-se, pela necessidade de averiguar como uma comunidade de fala, constrói suas marcas identitárias a partir da linguagem utilizada. Para embasar a pesquisa, teóricos como Kathryn Woodward (2000), e Stuart Hall (2006), que abordam o tema identidade na pós-modernidade e teóricas são mobilizados para discorrem sobre a principal fonte do pajubá, o lorubá: Castro (2005) e Alves (2017), que tratam da presença das Línguas Africanas no Brasil. Trata-se de um estudo de suma importância, pois, ainda, há poucas pesquisas na área e se faz necessária a investigação de diferentes dialetos dentro do Brasil para entender os contextos de línguas no Brasil.

A construção da infância em sala de aula e os conflitos acerca das sexualidades e dos gêneros são problematizados pelo autor Alisson Pinto Lima em *Letramento e infância queer*, articulando as teorias do letramento e as teorias *queer*, para investigar a infância e a construção identitária e social desses sujeitos visualizando o processo de reafirmação das hegemonias e discursos de dominação, nas quais se constata práticas heteronormativas de letramento. Para tanto, Lima desenvolve uma pesquisa bibliográfica na qual utiliza leituras de Louro (2004), Kleiman (2003), Miskolci (2013) etc. A pesquisa colocou em debate importantes pilares para fomentar a discussão, como polí-

ticas de escolarização, letramento social e movimento *queer*, com olhar atencioso para o campo da escola, para o currículo, para a sala de aula, e intuiu dar visibilidade aos corpos, as vozes, as identidades e as diversidades culturais e sexuais presentes no interior da escola.

Em *Narrativas da sexualidade: pistas discursivas da assexualidade na mídia*, de Vitória Carvalho Rocho da Silva, a assexualidade é tomada como uma dimensão de orientação sexual de narrativa contra-hegemônica e emergente. A autora ancora essa reflexão na circunscrição do quadro teórico da comunicação social e suas interseções com as tecnologias da internet as quais, segundo ela, possibilitam a formação da comunidade de indivíduos espacialmente apartados. Subvertendo uma prática recorrente nas abordagens das ciências sociais que tendem a conceitualizar a sexualidade em categorias de comportamento, desejo e identidade, o estudo explora a questão estabelecendo relações entre mídia e sexualidade na formação identitária. O artigo toma como objeto de investigação excertos de duas categorias — Programa de televisão e Matéria online — assinalando a narrativa comunicacional como enquanto a mídia *mainstream* encontra-se inteiramente voltada para a manutenção do *status quo* da narrativa tradicional e o alcance de novos públicos como forma de ampliação do lucro, as narrativas contra-hegemônicas encontram-se notadamente voltadas a um projeto de transformação social e de valores.

Subversão e formas de resistência conferem à tônica ao instigante artigo *Entre — lunga e lugar: poder de um corpo encarnado no filme Bacurau*, de Robério Manoel da Silva. O pesquisador se apropria do conceito de entre-lugar para recriar de maneira crítica e provocadora uma série de reflexões em torno de como as subjetividades produzem estratégias de resistência, potencializando por meio de cenas que assinalam o construto de leitura com potencial de produzir e disseminar agenciamentos capazes de desarmar poderes e saberes colonizados. Tomando como um conceito mutante, o autor argumenta que a noção de entre-lugar, que Silvano Santiago concebe como um

traço marcado e culturalmente da nossa condição sócio-histórica periférica, desterritorializa e problematiza as antinomias de local com o global, estendendo-se para as periferias desestabilizando os decalques dos saberes e (re)-esteticando a própria concepção de literatura clássica. Com efeito, a problematização do entre-lugar é acionada a partir do filme *Bacurau* (2019), de Kleber Mendonça e Juliano Dornelles, particularmente do personagem Lunga, que, segundo o próprio diretor do filme, “não no modelo estrito do cangaceiro, mas compondo um ‘tipo’ visualmente destacado, tal como outras figuras mobilizadas na luta”. Assim, sujeitos e contextos culturais locais que enunciam a desobediência da logicidade de todas as formas de discursos centralizadores, além de provocarem uma pletera de inquietações fundamentais para não apenas entendermos as contingências sócio-histórica que vivemos, bem como o poder de provocar reações para agirmos contra toda forma de força opressora.

No artigo intitulado *Homofobias e violência na adaptação televisiva de Angels in America*, o autor Carlos Eduardo de Araujo Placido traz à baila uma discussão sobre os contextos de violências, homofobias e outras formas de discriminação ensejadas por meio de discursos de ódio encontrados, sobretudo, no âmago da sociedade contemporânea. De modo a problematizar e tensionar a configuração heteronormativa no âmbito das artes da cena, o autor nos brinda com uma análise cinematográfica da adaptação *Angels in America* (2003), dando enfoque especial nas relações entre os processos criativos do cinema e os temas de violências representados na obra. Assim, dentre as várias violências, a masculinidade tóxica e a condição opressiva de “estar no armário” ganham palco na reflexão por desnudar um lugar figurativo onde as pessoas de orientação sexual diferente da heterossexualidade se colocam a fim de se proteger dos preconceitos imbuídos em uma certa sociedade.

Em *Diversas e plurais: linhas, lãs, agulhas, missangas, lanjeolas, botões, tecidos... nas práticas artísticas das dissidências sexuais e de gênero na arte contemporânea*, Fábio José Rodrigues

da Costa tece problematizações acerca dos imaginários que orbitam as práticas educativas e culturais que marginalizam os fazeres e saberes têxteis, contrapondo o status de bem simbólico à produção artesanal feita por mulheres, o que resulta em uma crítica de arte pautada em teorias *queer*, pensamento *queer* decolonial, *queer* of color e e das abordagens transfeministas. Para tanto, o autor propõe uma contranarrativa do lugar dos femininos no artesanato e na arte têxtil a partir das diversas e plurais formas de pensar/criar desde a margem/marginalidades que estão submetidas às dissidências sexuais e de gênero. Em uma escrita ilustrada com objetos que dão o tom imersivo da sua pesquisa, é possível identificar a preocupação do autor em traçar estratégias para redesenhar o lugar dessas narrativas dissidentes nas galerias da história.

No texto *Nas muitas cores do cisne: relendo a dança pela diferença*, Haroldo André Garcia de Oliveira traz um elenco de peças ao longo do texto e propõe uma reflexão acerca da ausência de corpos dissidentes de gênero e sexualidade, num recorte interseccional de etnia/raça no espectro das artes da cena. Oliveira toma a discussão a partir do ensaio "Variações sobre o direito de se manter em silêncio" (2008) da poeta, ensaísta e tradutora canadense Anne Carson, tensionando o gesto político presente nas produções de dança na atualidade. Oliveira assinala que, historicamente no universo das artes, a dança não teve um lugar estável, o que favoreceu o olhar sobre a força de trabalho masculina como superior à feminina e constante violência e ausência de direitos LGBTQ+.

Da dança, damos um *grand jeté* para outra expressão artística, o fazer poético. Tomado pela sensibilidade poética, o pesquisador Jaime Santana Neto entra em cena com o artigo *As sexualidades dissidentes na construção da poesia de Araripe Coutinho*, um poeta sergipano que, segundo Neto, apesar de subestimado em sua terra, criou uma obra poética surpreendente, magistralmente empenhada de sentidos múltiplos e dotada de um potencial de subjetivação capaz de subverter e transgredir as forças opressoras da heteronormatividade e do patriarcado.

O texto de Neto explora a diversidade de sentidos referentes às sexualidades dissidentes produzidos por Coutinho por meio dos escritos do primeiro livro do poeta, *Amor sem rosto* (1989), apontando como, desde seu primeiro livro, o poeta mobiliza formas de relações afetivas, convertidas em signos que operam dentro de uma poética *queer*. Nessa incursão, o pesquisador assinala como, em um país recém-saído de um tenebroso período de regime ditatorial, marcado pela violência e pela repressão, Coutinho utiliza-se das linguagens do cotidiano para vocalizar e trazer à baila formas de dissidências sexuais, até então interditas, mobilizando e visibilizando personagens que se encontravam ocultos do radar social e sexual do país.

Em *Submersão melancólica*, artigo de José Elton Dantas de Cardoso e Márcio Venício Barbosa, deparamo-nos com uma provocadora análise envolvendo o processo de *coming out* nas pessoas, no qual observa-se que os casos de depressão ocorrem com maior frequência por por parte da comunidade LGBTQIA+ e específico a gays, lésbicas e bissexuais, em que se leva em conta a imposição social de um padrão heteronormativa e não aceitar sua própria sexualidade. Assim, com o romance *Submerso* (2018), do paulista Eduardo Cilto, os autores apresentam como ler esse processo de *coming out* através de Dimitri, um personagem gay. Logo, a análise parte sobre a melancolia e como o personagem lida com essa questão, principalmente porque o texto literário evidencia o momento da adolescência de Dimitri. Desse modo, o artigo que se concebeu através do texto literário e as teorias sobre o processo de *coming out*, possibilita-nos um outro olhar aos estudos que envolvem literatura, gênero e sexualidades.

Revisitando o aclamado conto “Brokeback Montain”, da escritora estadunidense Annie Proulx, especialmente depois da narrativa tornar-se mundialmente conhecida pelo grande público por meio da adaptação cinematográfica de mesmo nome, o artigo *Cowboys and angels and affective queers*, do professor e pesquisador Ruan Nunes, propõe uma leitura crítica do conto com vistas a refletir acerca de questões heteronormativas. Por

meio de escrutínio minucioso de excertos do texto de Proulx, Nunes enreda uma hipótese interpretativa, articulando teoria *queer* e estudos sobre afetos, que faz emergir as formas como a heteronormatividade codifica-se em uma dimensão de orientação afetiva cujo sintoma mais contumaz resulta em mal-estar fundamental para a manutenção do *status quo* que produz, sustenta e perpetua a estrutura de opressão. Mais empenhando em suscitar indagações do que oferecer chaves interpretativas reducionistas para tais impasses, Nunes, no entanto, não se furta em marcar uma posição que advoga para o fato de que justamente quando os afetos são colocados em perspectiva crítica gestos e mobilizações políticas emergem causando rasuras e rupturas nas diversas formas de opressão, particularmente naquelas histórica e notadamente mais conservadoras.

Encerramos a seção dos artigos e ensaios com uma reflexão pujante de como somente pela transgressão podemos confrontar e enfrentar toda forma de ideologias hegemônicas perpetuadoras de padrões identitários de gênero e sexuais determinantes e limitadores das experiências e vivências humanas. No artigo "*Ilha das Lágrimas*": *uma transgressão dos padrões hegemônicos de masculinidade*, as autoras Milena Pereira Rabelo e Larissa Figueiredo Salmen Seixlack Bulhões convidam-nos a refletir acerca dos discursos que constituem a chamada masculinidade hegemônica tão perversamente encarnada na noção de um "homem de verdade", responsável forjar experiências traumáticas ao ditar e impor o modelo hegemônico de masculinidade a tantos meninos ainda na infância. As autoras examinam as consequências nefastas desse discurso retrógrado que instaura e perpetua o binarismo de gênero masculino/feminino como a única forma de experiência e vivência das sexualidades nos anos iniciais da sua constituição, particularmente operante dentro das instituições de ensino, nos quais crianças e jovens são aviltados e violados das formas mais hediondas. A despeito do cenário nefasto, as autoras partem do livro *Ilha das Lágrimas*, do escritor Rodrigo Romão Xavier, como um dispositivo potente no sentido do enfrentamento de uma masculinidade tóxica capaz

de promover rasuras no ambiente educacional conservador, permitindo que crianças e jovens possam desfrutar de experiências afetivas e sexuais diversas e formadoras de subjetividades positivas e afirmativas.

Para essa edição, Camila Daltro Ferreira traz a resenha do livro *Bash Back! Ultraviolência queer: antologia de ensaios*, traduzido para o português brasileiro por Beatriz Regina Barboza, Emanuela Carla Siqueira e Julia do Nascimento. Trata-se de nove textos que coligem a antologia e escritos a várias mãos por coletivos ou vozes individuais, todas marcando posições, lugares e perspectivas singulares concernentes ao debate das dissidências *queers*, particularmente no fenômeno denominado de *Bash Back*, uma forma de anarquismo *queer*, principados por levantes entre os anos de 2008 e 2010 nos Estados Unidos, mas que encontrou ecos em várias partes do planeta eclodindo insurreições contra os aviltamentos do sistema liberal cisheteropatriarcal. A resenha de Camila Ferreira nos fornece uma dimensão da complexidade das tensões, contradições e dissidências que o conjunto de posições e vozes dos ensaios ensejam, isto é, desde sua gênese, as tentativas, sempre inconclusas e insatisfatórias, de caracterização arroladas nos movimentos *queer*, tomadas por dimensões políticas, sociais, de classe, entre outras, até a própria radical constatação de sua finitude, bem como a não consensual posição de um possível legado. Brilhantemente, a resenha sugere que, para além dos dissensos, o conjunto de ensaios funcione como um balanço crítico do *Bash Back*, posto que seu traço mais marcante seja justamente a recusa em deixar-se ser inteira e totalmente dimensionalizada por qual dispositivo discursivo (a coletânea de ensaios, resenha da própria Camila e esta apresentação da resenha) que tenha como princípio enfatizar mais seu caráter conceitual (“teorias sem práxis e palavras sem revoltas”) do que sua dimensão insubordinada e violentamente contestadora.

Encerramos o dossiê com uma entrevista intitulada *A (trans)formação dos esportes hegemônicos: o voleibol em questão*, na qual Jéssica Palavollo, uma mulher trans, negra, atleta e nor-

destina, nascida no estado do Ceará, e que atualmente defende as equipes do Projeto de Voleibol Beberibe (PVB), generosamente nos oferece um retrato pungente do seu percurso de vida pessoal e profissional. Neste bate papo com Rafael Santiago de Souza, a atleta nos conta um pouco de sua trajetória de lutas, resistência e persistência para garantir espaço num ambiente esportivo marcadamente conservador, apontando impactos positivos e negativos que fizeram parte de sua história e alguns objetivos para um futuro próximo. Antes de voltar para terra natal, ela atuava na Europa, seu retorno para o Brasil aconteceu no contexto pandêmico da Covid-19. As perguntas seguiram uma linha de reflexões voltadas para as questões que giram em torno de temas como: representatividade LGBTQIA+, identidade, diversidade, respeito, direitos, reparação histórica etc, nos contextos dos esportes hegemônicos.

A todxs, entregamos esse dossiê feito por muitos corpos e mentes, e desejamos uma leitura instigante e inspiradora.

Maurício Silva da Anunciação  
Moisés Henrique de Mendonça Nunes  
Rafael Santiago de Souza  
*Organizadores*